

Luis Henrique Almeida Castro
(Organizador)

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

4

Atena
Editora
Ano 2021

Luis Henrique Almeida Castro
(Organizador)

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

4



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^ª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^ª Dr^ª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^ª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^ª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^ª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Prof^a Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Prof^a Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dinamismo e clareza no planejamento em ciências da saúde 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Henrique Almeida Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D583 Dinamismo e clareza no planejamento em ciências da saúde
4 / Organizador Luis Henrique Almeida Castro. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-935-6
DOI 10.22533/at.ed.356213003

1. Saúde. I. Castro, Luis Henrique Almeida
(Organizador). II. Título.

CDD 613

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Este e-book, como seu próprio título explicita, tem como foco o planejamento de ações nas ciências da saúde. Não obstante, planejar denota preparar um trabalho, ou um objetivo, de forma sistemática; ademais, a etiologia da palavra também conota uma ação, prática e/ou um resultado. Diante disso, a organização desta obra não poderia desconsiderar o contexto que envolve o planejamento estratégico em saúde; desta forma, os 106 trabalhos aqui contidos estão dispostos em 5 volumes que levam em conta justamente o processo construtivo de um plano: a análise científica e literária do caminho percorrido nas ciências da saúde até o momento está representada nos três primeiros volumes que, por sua vez, englobam estudos de revisão, relatos de caso e de experiência, além de pesquisas epidemiológicas; já os últimos dois volumes trazem ao leitor trabalhos que fornecem novas perspectivas de ação em saúde, desde a atenção básica até novos métodos de diagnóstico e tratamento, além de pesquisas qualitativas que tratam da sociologia inerente à prática em saúde, principalmente no Brasil.

Em nome da Atena Editora, agradece-se o empenho dos autores na construção dessa obra e explicita-se o desejo de que esta leitura contribua para a ampliação do conhecimento científico no intuito de inspirar novos estudos que tragam ainda mais resultados para o dinamismo e para a clareza no planejamento em ciências da saúde.

Boa leitura!

Luis Henrique Almeida Castro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CONSIDERAÇÃO DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NO TRATAMENTO DA OBESIDADE: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Aline Rossini

João Adalberto Campato Jr.

André P Viana

DOI 10.22533/at.ed.3562130031

CAPÍTULO 2..... 10

A EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA PROMOÇÃO DA SEGURANÇA DO PACIENTE PEDIÁTRICO

Vanessa Teles Luz Stephan Galvão

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

Claudia Maria Messias

Elida Gabriela Serra Valença Abrantes

Jéssica do Nascimento Rezende

Elaine Antunes Cortez

Beatriz de Lima Bessa Ballesteros

Gabryella Vencioneck Barbosa Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3562130032

CAPÍTULO 3..... 22

A FORMAÇÃO DE BIOFILMES FÚNGICOS PODE SER UMA PROBLEMÁTICA NO TRATAMENTO DA OBESIDADE COM BALÕES INTRAGÁSTRICOS

Andressa Cristina do Prado

Rubens de Oliveira Brito

Melyssa Negri

Terezinha Inez Estivalet Svidzinski

DOI 10.22533/at.ed.3562130033

CAPÍTULO 4..... 37

A IMAGÉTICA MOTORA COMO ESTRATÉGIA PARA A REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA PÓS ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO (AVE)

Luan Kelves Miranda de Souza

Brenda Dias Araujo

Charles Ponte de Sousa Filho

Louise Ribeiro Teixeira

José Guilherme de Oliveira Rodrigues Ferreira

Gabriela de Souza Mendonça

Rafaela Costa Pacheco

André Pessoa Silva de Bastos

Brenda Ellen Meneses Cardoso

Larruama Soares Figueiredo de Araújo

Bianca Sampaio Lima

Vivian Saeger Pires

DOI 10.22533/at.ed.3562130034

CAPÍTULO 5..... 42

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL EM SAÚDE NA PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO A MÃES RIBEIRINHAS AMAZÔNICAS

Victória Menezes da Costa
Bianca de Fátima dos Reis Rodrigues
Fernanda Ruthyelly Santana Pereira
Tatiane Saraiva Serrão
Danielle Tupinambá Emmi

DOI 10.22533/at.ed.3562130035

CAPÍTULO 6..... 47

A MEDITAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A SAÚDE MENTAL E A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DE MEDICINA

Maria Aparecida Rocha Gouvêa
Carolina Andrade Pinto de Almeida
Débora Cortês Sálvio Pinheiro Santana
Isadora Lúcia Corrêa Marota
José Renato Guerra Alves
Rafaella Imakawa

DOI 10.22533/at.ed.3562130036

CAPÍTULO 7..... 61

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO EM SAÚDE

Ilka Lorena de Oliveira Farias Costa
Creusa Barbosa dos Santos Trindade
Maria de Fátima Bastos da Costa
Ana Paula Oliva Reis
Ilma Pastana Ferreira
Sergio Beltrão de Andrade Lima
Laena Costa dos Reis
Severino Azevedo de Oliveira Júnior
Brenda Sales dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3562130037

CAPÍTULO 8..... 66

DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM E INTERVENÇÕES PREVALENTES NO CUIDADO AO PACIENTE INTERNADO EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA CARDIOLÓGICA

Tamara Nicoletti da Mata
Lizandra Alvares Félix Barros

DOI 10.22533/at.ed.3562130038

CAPÍTULO 9..... 76

DIAGNÓSTICOS E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PREVALENTES EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA DE CAMPO GRANDE- MS

Roberta Salles Orosco Nunes
Stephanie Valençuela Schmitt
Damásio Gregório Filho

Joelson Henrique Martins de Oliveira
Michael Wilian da Costa Cabanha
Vinícius da Silva Ricaldes
Lizandra Alvares Félix Barros

DOI 10.22533/at.ed.3562130039

CAPÍTULO 10..... 89

DIFERENÇAS ELETROCARDIOGRÁFICAS ENTRE INDIVÍDUOS AFRICANOS E CAUCASIANOS

Antônio Filipe Pinto Rodrigues
Patrícia Margarida dos Santos Carvalheiro Coelho
Alexandre José Marques Pereira

DOI 10.22533/at.ed.35621300310

CAPÍTULO 11..... 105

ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA ANTE O ESTRESSE OCUPACIONAL

Cláudia Garcia da Silva de Andrade Garcia
Juliane Lilian Borges Bastos
Katharyne Pereira Barbosa Albuquerque Silva
Sarah de Moura e Silva Rodrigues
Sumaya Vieira Canêdo Prudente

DOI 10.22533/at.ed.35621300311

CAPÍTULO 12..... 118

ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Cássio da Silva Sousa
Beatriz Sousa Lima
Ana Vitória Sales de Almeida
Antonio Anderson Araújo Azevedo
Edvania Neves Ribeiro
Ana Jéssica Silva Damasceno
Jefferson Dantas da Costa
Saulo Barreto Cunha dos Santos
Naiara Teixeira Fernandes
Kássia Carvalho Araújo
Marília Aparecida de Araújo Holanda
Joana Clara Alves Dias

DOI 10.22533/at.ed.35621300312

CAPÍTULO 13..... 130

EXERCÍCIOS TERAPÊUTICOS NO TRISMO RADIOINDUZIDO EM CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO

Rubia Caldas Umburanas
Mariane Maria Silveira Vieira de Lima

DOI 10.22533/at.ed.35621300313

CAPÍTULO 14..... 137

FACILITANDO A APRENDIZAGEM E AS METODOLOGIAS ATIVAS: OS DESAFIOS DA

APRENDIZAGEM EM GRUPOS E DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

Ilka Lorena de Oliveira Farias Costa
Creusa Barbosa dos Santos Trindade
Ana Paula Oliva Reis
Ilma Pastana Ferreira
Sergio Beltrão de Andrade Lima
Maria de Fátima Bastos da Costa

DOI 10.22533/at.ed.35621300314

CAPÍTULO 15..... 142

FISIOTERAPIA NA PREVENÇÃO DE ESTOMAS EM PÉ-DIABÉTICO

Débora Karolihy Chaves de Sousa
Julliane Costa Azevedo
Patrícia da Silva Taddeo

DOI 10.22533/at.ed.35621300315

CAPÍTULO 16..... 149

FLORES EDÍVEIS: UMA ALTERNATIVA ALIMENTAR COM PROPRIEDADES BIOLÓGICAS RECONHECIDAS

Ana F. Vinha

DOI 10.22533/at.ed.35621300316

CAPÍTULO 17..... 169

FOTOBIMODULAÇÃO ASSOCIADA A HIGIENIZAÇÃO: ALTERNATIVA EFICAZ NO TRATAMENTO DE PACIENTES ACOMETIDOS POR ESTOMATITE PROTÉTICA ASSOCIADA À CANDIDOSE BUCAL

Valbiana Cristina Melo de Abreu Araujo
Julliana Andrade da Silva
Maria Áurea Lira Feitosa
Juliana Feitosa Ferreira
Bernardo Aquino Rodrigues Monteiro Filho
Ana Beatriz Duarte Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.35621300317

CAPÍTULO 18..... 179

HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR – CUIDANDO DE QUEM CUIDA

Ane Kesly Batista de Jesus
Phydel Palmeira Carvalho
Mikaelle Almeida Oliveira Santos
Rahime Cristine do Rosário Sarquis
Ludmily Nascimento Santos
Alice Fontes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.35621300318

CAPÍTULO 19..... 188

IDOSOS, VELHICE E ENVELHECIMENTO: A EDUCAÇÃO HUMANIZA(?)

Carla Cristina Rodrigues
Mônica de Ávila Todaro

DOI 10.22533/at.ed.35621300319

CAPÍTULO 20.....201

INTERFERÊNCIA DA AVALIAÇÃO GERIÁTRICA AMPLA NA MELHORA QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO

Ana Priscila Ferreira Almeida
Julianna Araújo de Andrade
Natália Santos Cruz
Thais Madeiro Barbosa Lima
Nathalia Comassetto Paes
Nataly Oliveira Vilar
Maria Clara Mota Nobre dos Anjos
Maíra Macedo de Gusmão Canuto
Luiza Dandara de Araújo Felix
Louise Moreira Ferro Gomes
Leonardo Souza de Oliveira
Hirley Rayane Silva Balbino de Mélo

DOI 10.22533/at.ed.35621300320

SOBRE O ORGANIZADOR.....205

ÍNDICE REMISSIVO.....206

IDOSOS, VELHICE E ENVELHECIMENTO: A EDUCAÇÃO HUMANIZA(?)

Data de aceite: 26/03/2021

Data de submissão: 04/02/2021

Carla Cristina Rodrigues

Universidade Federal de São João Del Rei
São João Del Rei– MG
<https://orcid.org/0000-0003-1150-7440>

Mônica de Ávila Todaro

Universidade Federal de São João Del Rei
São João Del Rei – MG
<http://orcid.org/0000-0001-7777-925>

RESUMO: Este texto é fruto de nossas inquietações sobre o papel da educação na perspectiva de humanização. Nele, buscamos tratar do tema que emerge diante de um cenário de envelhecimento populacional. O quadro teórico contou com referências das obras de Paulo Freire, Beauvoir, Canguilhem, Baltes e Neri, entre outros pesquisadores contemporâneos. O objetivo é sensibilizar outras pessoas para a importância da temática, na busca de uma sociedade que possa construir um novo mundo, mais humano e solidário. Para isso, dividimos o texto em seções: *O envelhecimento na (e como) ciência*, na qual trazemos a concepção de desenvolvimento ao longo da vida; *Idadismo: preconceito etário e educação*, seção em que apresentamos o conceito e suas implicações para a ação educativa; *A educação como condição de humanização do ser*, na qual compartilhamos as ideias freireanas; *concepções de saúde e as políticas de cuidado ao idoso*,

seção em que anunciamos nosso entendimento do termo saúde; e, por último, a seção *Cuidado e Políticas Públicas para o Envelhecimento*, que trata dos direitos a serem alcançados para que a educação, realmente, humanize.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos, Velhice, Envelhecimento, Educação, Humanização.

ELDERLY, OLD AND AGING: HUMANIZED EDUCATION (?)

ABSTRACT: This text is the result of our concerns about the role of education in the perspective of humanization. In it, we seek to address the topic that emerges in the face of a population aging scenario. The theoretical framework included references to the works of Paulo Freire, Beauvoir, Canguilhem, Baltes and Neri, among other contemporary researchers. The objective is to make other people aware of the importance of the theme, in search of a society that can build a new, more human and supportive world. For this purpose, we divided the text into sections: Aging in (and how) science, in which we bring the concept of development throughout life; Ageism: age prejudice and education, section in which we introduce the concept and its implications for educational action; Education as a condition for the humanization of being, in which we share Freire's ideas; Conceptions of health and care policies for the elderly, a section in which we announce our understanding of the term health; and, last, the Care and Public Policies for Aging section, which deals with the rights to be achieved so that education can really humanize.

KEYWORDS: Elderly, Old age, Aging, Education, Humanization.

INTRODUÇÃO

Quando quis tirar a máscara,/ estava pegada à cara./Quando a tirei e me vi ao espelho, /já tinha envelhecido (Álvaro de Campos.Trecho do poema Tabacaria).

O mundo passa por um processo de envelhecimento: a diminuição das taxas de natalidade associada a maior expectativa de vida traz a tendência de que, nos próximos anos, tenhamos mais idosos na população do que pessoas jovens. A relação entre a porcentagem de idosos e de jovens é o “índice de envelhecimento”, dado que no Brasil vai de 43,19% em 2018, para 173,47% em 2060, evidenciando o aumento da população idosa em relação à população jovem (PERISSÉ E MARLI, 2019).

O envelhecer é a vicissitude daqueles que escapam à morte, e também a materialização da ambição humana ao longo de seu desenvolvimento histórico. A humanidade, no entanto, parece que tem se recusado a tirar a máscara e olhar no espelho para não ter que lidar com os impasses do próprio envelhecimento. Todavia, se hoje alcançamos uma longevidade inédita, é porque a ciência e o avanço tecnológico têm cumprido sua função teleológica ao nos proporcionar melhores condições de moradia, higiene, educação, prevenção de doenças e inúmeros outros avanços.

Segundo Fernández-Ballesteros (2009 *apud* FERREIRA, 2012), as concepções de envelhecimento prevalentes ainda hoje são herdeiras de duas tradições clássicas cujos principais expoentes foram Platão e Aristóteles. Para Aristóteles, o envelhecimento seria um período de declínio e deterioração, uma espécie de enfermidade a ser vivida por todos que chegam a esta fase. A visão de Platão traz o envelhecimento do ponto de vista positivo, como uma continuidade do processo de vida, para o qual o ser humano deve se preparar para viver dignamente. Destas diferentes concepções originam-se distintas perspectivas: se compreendermos que o idoso tem contribuições importantes para a sociedade, sua autonomia e participação nos vários aspectos da vida social são estimuladas. Por outro lado, se assumimos a concepção da velhice enquanto enfermidade, tendemos a propor ações assistencialistas que infantilizam e medicalizam os idosos.

O ENVELHECIMENTO NA (E COMO) CIÊNCIA

O envelhecimento é um processo complexo, que tem dimensões biológicas, históricas, socioculturais, genéticas e familiares. Trata-se, enfim, de um fenômeno humano, que, por isso mesmo, transcende determinações naturalmente traçadas, para se inscrever no nível da existência de homens e mulheres (BEAUVOIR, 2018). Ainda assim, o envelhecimento não foi um tema muito presente na ciência clássica, e só recentemente a ciência tem se voltado mais especificamente para o estudo sobre idosos, velhice e envelhecimento.

No início do século XX, acreditava-se que o desenvolvimento humano se daria de forma ascendente e linear até o período de reprodução – grande objetivo de toda

espécie viva - a partir de então, o desenvolvimento seria marcado pelo declínio biológico e afastamento social. No chamado Paradigma do Ciclo de Vida prevalecia a concepção biológica, em detrimento das determinações históricas e socioculturais, porém com as grandes guerras do século XX e suas consequências, passou-se a dar maior atenção às determinações sócio históricas do envelhecimento.

Atualmente, a Gerontologia explica que o envelhecimento não é um processo linear e homogêneo, mas multideterminado e intimamente relacionado com a forma como o indivíduo viveu. Segundo Baltes (1987, 1997), os paradigmas que ponderavam o ciclo de vida como essencialmente biológico e linear foram substituídos por concepções que consideram o desenvolvimento ao longo de toda a vida (*apud* NERI, 2013). Tal paradigma aponta que o desenvolvimento ocorre desde a concepção, é dinâmico, tem múltiplas dimensões e múltiplas determinações. Tanto as questões genético-biológicas, quanto as sócio-históricas e culturais influenciam o desenvolvimento, em um movimento dialético de trocas entre indivíduo e cultura.

O processo de envelhecimento não é caracterizado apenas pelo declínio, mas envolve perdas e ganhos que se dão a partir tanto de eventos previstos, quanto de eventos imprevistos ao longo da existência: A entrada na escola, casamento e aposentadoria são exemplos de eventos previstos de ordem sociocultural. Em contrapartida, também estamos sujeitos a eventos desta mesma ordem que são contingenciais, para os quais não fomos preparados, por exemplo, desemprego, conflitos, guerras, imigrações e pandemias. O mesmo ocorre com eventos de ordem biológica: há situações que são previstas, como a puberdade, menopausa e andropausa; mas há também situações que ocorrem com o corpo e que nos tomam de surpresa, como, por exemplo, uma doença grave. Em síntese, situações previstas ou contingenciais, de ordem biológica, sociocultural ou ambas, exercem influência determinante no desenvolvimento e envelhecimento dos seres humanos (NERI, 2006).

Desde que o indivíduo nasce, suas características individuais interagem ativamente com o ambiente em um processo de influência mútua: ambiente-sujeito e sujeito-ambiente, de tal forma que o desenvolvimento humano se dá continuamente e o processo de envelhecimento faz parte da condição humana desde a concepção. Compreendemos, portanto, que os indivíduos não se tornam idosos automaticamente ao completar sessenta anos, pois ser idoso ou não, se refere às diferenças que o sujeito apresenta em relação aos adultos não idosos em termos de aparência, funcionalidade e desempenho nos múltiplos aspectos da vida em um dado contexto sociocultural (NERI, 2009, *apud* NERI, 2013).

Os aspectos que determinam a heterogeneidade do envelhecimento não são aleatórios, mas referem-se às condições socioeconômicas às quais os indivíduos foram expostos ao longo de sua existência: pessoas em condições socioeconômicas mais baixas, com piores condições de trabalho, moradia, educação e menor assistência em saúde, serão os que vão envelhecer com maiores problemas (OMS, 2015). Segundo Minayo (2005), “O

quadro de injustiça social no Brasil é extremamente grave, e há estudos que demonstram que somente 25% dos idosos aposentados vivem com três salários-mínimos ou mais, sendo, portanto, a grande maioria pobre ou miserável.” (apud ALCÂNTARA, 2016, p. 371). Trata-se dos moradores de zonas periféricas, diariamente expostos a fatores estressores, como violência, poluição ambiental, transporte urbano precário, preocupações financeiras e outros. Muitos não frequentaram escolas e nem tiveram acesso à atenção básica em saúde, ou ainda à educação, à cultura e ao lazer. Tais aspectos somados ao envelhecimento biológico, perdas dos papéis sociais, perdas afetivas, multimorbidades e aposentadoria insuficiente fazem com que a parcela da população desfavorecida economicamente torne-se, na velhice, a que mais necessita de apoio e cuidados pela perda da capacidade funcional¹.

Na saúde, encontramos, hodiernamente, a prevalência de uma série de doenças crônicas que se relacionam ao envelhecimento, inclusive doenças degenerativas e incapacitantes, mas há ainda inúmeras outras questões que necessitam ser devidamente problematizadas com relação à velhice, e que perpassam pela saúde, por exemplo: depressão e suicídio, doenças sexualmente transmissíveis, dependência e abuso de substâncias químicas, violência e questões sociais (FALCÃO, ARAÚJO E PEDROSO, 2016).

Diante de tal cenário questiona-se qual poderia ser o papel de uma educação verdadeiramente humanizadora.

IDADISMO: PRECONCEITO ETÁRIO E EDUCAÇÃO

As percepções sociais sobre o envelhecimento historicamente são carregadas de preconceitos e estigmas negativos, o idadismo (traduzido do inglês, *ageism*) é a denominação dada ao preconceito etário, que traz consequências graves ao idoso principalmente do ponto de vista interpessoal e cuja prevenção se relaciona, entre outras ações, com a educação, tanto no sentido de incluir o envelhecimento nos currículos dos vários níveis de ensino, quanto no de preparar adequadamente os profissionais que vão atuar direta ou indiretamente com o idoso (PAULA E MARQUES, 2016). Segundo Cachioni e Todaro (2016), a reflexão sobre o envelhecimento na educação pode contribuir para a desmistificação da velhice, além de incentivar mais pesquisas e conhecimentos sobre o tema.

Se o declínio biológico e físico são processos inerentes ao desenvolvimento do ser humano na medida em que envelhece, fatores como as experiências acumuladas ao longo da existência podem compensar muitas dessas perdas, que por sua vez também respondem positivamente a atividades de estímulos, visto que ao longo de toda a vida adulta há mudança qualitativa no desempenho cognitivo, o que se deve às oportunidades e estímulos oferecidos pelo ambiente sociocultural (NERI, 2006; BRUM e YASSUDA, 2016).

1. A capacidade funcional refere-se à soma entre as capacidades do próprio sujeito ao que lhe é oferecido pelo ambiente.

Estudos apontam que os idosos tem melhor capacidade de regular suas emoções, tanto tendo mais clareza destas, quanto priorizando as emoções positivas, fator que tem relação direta com a preservação da saúde mental e funcionalidade do idoso. Nesse sentido, é importante para o sistema de saúde o investimento em profissionais que compreendam o envelhecimento, e possam prestar apoio tanto aos idosos quanto aos familiares, além de fazer intervenções especializadas em estimular emoções positivas (BATISTONI, 2016; RABELO e NERI, 2016).

A Gerontologia é a ciência que estuda o envelhecimento e não “a patologia da velhice”, expressão trazida de Simone de Beauvoir (2018, p.27). Trata-se de um amplo campo de conhecimento interdisciplinar que comporta: a geriatria - que é a especialidade médica voltada para o processo de saúde/doença da velhice; e a gerontologia social, que se subdivide em diversas áreas, como educação, psicologia, direito, serviço social, dentre outras.

A gerontologia educacional é uma das grandes áreas da gerontologia social e, segundo Peterson (1976, *apud* DOLL, RAMOS e BUAES, 2015), apresenta três vertentes: educação voltada para o público idoso; educação sobre o envelhecimento, voltada para todas as idades; e formação para quem vai trabalhar com idosos. Esses dois últimos aspectos seriam os que tem recebido menor investimento, apesar de sua grande importância: a formação profissional é relevante porque repercute diretamente na qualidade da atenção a ser prestada ao idoso. Não menos importante, é a educação sobre o envelhecimento, pois na medida em que a população envelhece, gerações diferentes passam a conviver no mesmo ambiente familiar, e o envelhecimento acaba sendo introjetado por meio de estigmas e preconceitos, que inferiorizam os idosos e os estimulam a se afastar e se abster de seus papéis sociais (FERREIRA, 2012). Tais estigmas seriam, também, a causa para a desvalorização dos conteúdos sobre o envelhecimento nos currículos de todos os níveis educacionais no Brasil (CACHIONI e TODARO, 2016; DIOGO, 2004; XAVIER e KOIFMAN, 2011).

Segundo Doll, Ramos e Buaes (2015), a educação pode auxiliar tanto no processo de envelhecimento dos sujeitos, quanto no estímulo à solidariedade intergeracional, diminuindo preconceitos e estereótipos relacionados à velhice. Para nós, a educação não é, e não pode ser concebida como uma prática neutra e desinteressada, pois se constitui enquanto prática política, que lida com relações de poder, concepções e visões de mundo, que por sua vez refletem distintos projetos de sociedade. E, se é na medida em que somos educados que nos humanizamos, a educação pode potencializar nossa compreensão de sermos/estarmos no mundo, sendo nossos corpos que envelhecem dia a dia.

A EDUCAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE HUMANIZAÇÃO DO SER

Nossos corpos são carne, osso e história. Modificamos e somos modificados pela realidade que nos rodeia e pelos seres com quem dividimos o tempo e o espaço. Ser, e se fazer humano, se dá no estabelecimento de uma relação dialética com o mundo. Isso ocorre porque antropologicamente somos seres incompletos, inacabados, em um contínuo vir a ser, que por sua vez nos coloca na posição ontológica de constante busca. Procuramos satisfazer nossa necessidade de completude em inúmeras aspirações que se alternam ao longo da vida: amor, prazer, sabedoria, religiosidade e infinitas outras possibilidades.

Se o inacabamento é inerente a nós, humanos, a busca incessante por preencher os espaços deixados em aberto por este inacabamento também o é. Esta busca é o que nos faz seres eminentemente curiosos. Inúmeros aprendizados são necessários porque não nascemos sabendo e, estando no mundo, estamos em constante relação com uma série de coisas que não são inscritas geneticamente em nossos corpos. Enfim, entendemos tal qual Freire (2018a) que aprendemos e apreendemos o mundo diariamente, não porque escolhemos, mas porque somos humanos, precisamos do aprendizado para nos humanizar.

A educação é estreitamente conectada a ensino, aprendizagem e formação. Enquanto verbo, o ensinar está necessariamente condicionado à presença de outro verbo, o aprender. Portanto, o ensino é uma ação social que pressupõe a presença de mais de um sujeito para que o processo que envolve a ação de ensinar, seguida de seu necessário complemento, aprender, se dê.

Educar não é transmitir conteúdos, mas ensinar a pensar, refletir e interpretar a realidade. Isso se dá, na práxis, por meio do estímulo à curiosidade do educando, de forma tal que a curiosidade trazida de casa, ainda ingênua, torne-se rigorosa e metódica e se converta em curiosidade epistemológica, exigente. Esse processo pressupõe que tanto educador, quanto educando, sejam sujeitos da educação, ativos na produção do conhecimento, que por sua vez não se dá verticalmente, mas dialógica e democraticamente, em uma relação horizontal, cuja condição primordial é que haja, da parte do educador, respeito e consideração pelo que é trazido pelo aprendiz de seu contexto social. As vivências e conhecimentos que o aprendiz traz de sua realidade devem ser o material a ser problematizado e refletido na produção de sua compreensão do mundo, em uma prática educativa que se apresenta em contraposição à pedagogia tradicional, transmissora de conteúdos, denominada por Paulo Freire de Educação Bancária (FREIRE, 2018b,c).

A educação tradicional prioriza o treinamento técnico como objetivo de aprendizagem. Para tanto, valoriza a aula expositiva, na qual o professor é o transmissor de conhecimentos e sujeito da aprendizagem, enquanto o aluno é o objeto, passivo e receptivo. Segundo Freire (2018c), “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.” (p. 80).

A educação bancária é domesticadora e assistencialista, tem caráter funcionalista² em uma sociedade cujas contradições são negadas para que se possa manter a ordem social vigente. O relacionamento professor – aluno se dá de forma autoritária e opressora, mantendo a consciência ingênua de ambos diante da realidade, como se a história se desenvolvesse à revelia de homens e mulheres (FREIRE, 2018c). O conhecimento transmitido é a-histórico, atemporal e supostamente despolitizado, por isso mesmo inquestionável. A partir de uma visão cartesiana e mecanicista da realidade, a educação bancária

Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles que tivesse por distração “enchê-los de pedaços seus”. (FREIRE, 2018c, p. 87, grifo do autor).

Para que o ensino se dê de forma democrática, é fundamental que as dicotomias professor-aluno sejam devidamente superadas, e é por meio da relação dialógica entre os atores do processo educativo que esta superação se torna possível. É na dialogicidade que o conhecimento pode ser construído através do estímulo à curiosidade do educando (FREIRE, 2013). Curiosidade esta que, chamada por Freire de curiosidade ingênua, tem proporcionado a nós produzir nossa cultura e os conhecimentos que utilizamos na vida cotidiana, que denominamos senso comum.

Por intermédio de uma educação dialógica, a curiosidade ingênua torna-se mais sofisticada, metódica e crítica, metamorfoseando-se na curiosidade epistemológica. O sujeito que passa por uma formação crítica compreende sua historicidade e torna-se capaz de refletir sobre a própria realidade e seu papel no mundo, condição necessária para o posicionamento ético, pois só quem é capaz de refletir sobre a própria ação é ontologicamente capaz de se comprometer com seu contexto e sua história (FREIRE, 2018a). É esse o papel da educação: formar sujeitos críticos, responsáveis pelo próprio conhecimento e comprometidos com a própria realidade, com o cuidado de si e, quiçá, com o próprio envelhecimento.

A exemplo da relação dialógica, que democratiza a interação entre professor e aluno, Ayres (2009) propõe que a assistência em saúde passe a ser pautada pelo cuidado, o que se daria a partir da incorporação da relação dialógica entre profissional e usuário

2. O funcionalismo, em Sociologia, tem como principal expoente E. Durkheim, estuda os sistemas sociais como uma totalidade, a partir do funcionamento de cada parte e como sua função se relaciona com as necessidades do todo. É criticado por negar as contradições e mudanças sociais (JOHNSON, 1997).

dos serviços de saúde. Quando o encontro entre esses personagens se dá de forma simétrica, para além da aplicação de conhecimentos técnicos, estabelece-se uma relação de compreensão e respeito, com potencial de produção de saúde e de (re)construções subjetivas.

CONCEPÇÕES DE SAÚDE E AS POLÍTICAS DE CUIDADO AO IDOSO

Compreender o que chamamos por saúde perpassa pelo entendimento da doença e da experiência do adoecer. Nesse sentido, recorremos a Georges Canguilhem (1904 – 1995), filósofo francês com importante contribuição na área de história das ciências, cuja obra *Normal e o Patológico*, de 1943, foi referência fundamental no pensamento de Sérgio Arouca e Cecília Donnangelo, influenciando o surgimento da Saúde Coletiva brasileira (AYRES, 2016).

A concepção da patologia como variação quantitativa do fenômeno fisiológico é criticada por Canguilhem (2018), segundo o qual uma doença só pode ser compreendida considerando-se o sujeito que adoeceu, e o sentido que o sofrimento adquire para este sujeito. Sofrimento esse que não é passível de quantificação. O adoecimento é, portanto, uma questão qualitativa, de valor, que implica ao sujeito adoecido impotência diante do curso de sua vida interrompido, “(...) sentimento de vida contrariada (...)” (CANGUILHEM, 2018, p. 89). Estar com saúde é se realizar enquanto ser humano, inclusive aceitando que adoecer e se recuperar fazem parte deste processo:

Ser sadio significa não apenas ser normal em uma dada situação determinada, mas ser também, normativo, nessa situação e em outras situações eventuais. O que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas à situações novas (CANGUILHEM, 2018, p. 77).

O conceito de saúde trazido pela constituição da OMS, de 1946, do “completo bem-estar físico, mental e social”, pressupõe saúde como algo absoluto, que por sua vez também torna absoluta a experiência do adoecimento, em uma negação da historicidade e contradições que acompanham os processos humanos. A saúde é processo, ação do corpo para superar as adversidades trazidas pela doença, que por sua vez faz parte da existência do ser saudável.

A normatividade está presente no processo saúde-doença enquanto uma normatividade biológica e subjetiva, que busca se adaptar à nova realidade do corpo acometido por patologias e/ou impotência (CANGUILHEM, 2018). Podemos ampliar essa assertiva também para o processo de envelhecimento, pois envelhecer de forma saudável relaciona-se intimamente ao aprendizado e adaptação às mudanças trazidas pelos anos. A saúde, para o indivíduo idoso, transcende a ausência de doenças para se inscrever na lógica da autonomia e independência. Por sorte, somos humanos e capazes de aprender ao longo de toda a vida: ao enfrentarmos adversidades, transformamos os obstáculos em

potência, aprendemos a lidar com as perdas e os ganhos que o processo de envelhecimento nos traz.

CUIDADO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENVELHECIMENTO

No século XX, quando as questões sobre o envelhecimento passaram a fazer parte da agenda internacional e nacional, o idoso era concebido como frágil e dependente, mas aos poucos o olhar sobre o idoso foi sendo modificado, até o ponto de reconhecê-lo como um cidadão de direitos, cujas necessidades devem ser devidamente atendidas em suas especificidades.

O envelhecimento passou a ser debatido internacionalmente em 1982, na Assembleia das Nações Unidas Sobre o Envelhecimento, em Viena. Na Assembleia Geral das Nações Unidas de 1991, foram adotados dezoito princípios para favorecer aos idosos, agrupados em cinco grandes temas: independência, participação, cuidados, autorrealização e dignidade.

No Brasil, duas ações foram fundamentais para o reconhecimento aos direitos e necessidades dos idosos: a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG, em 1961 e o trabalho de assistência social ao idoso realizado pelo Serviço Social do Comércio – SESC, em 1963 na capital paulista. A primeira ação federal de assistência ao idoso foi em 1974, e em 1982 o Brasil assinou o Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento.

A Constituição Federal brasileira de 1988 reconheceu os direitos sociais da população, inclusive garantindo renda para os trabalhadores e assegurando aos idosos os devidos cuidados de acordo com suas necessidades. Em 1993, foi implementada a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, que regulamentou o Benefício de Prestação Continuada (BPC) aos idosos com renda mensal per capita inferior a um quarto do salário-mínimo. Em 1994, foi aprovada a Política Nacional do Idoso - PNI, Lei 8842, que é regulamentada pelo Decreto 1948 de 03 de julho de 1996. Tal lei considera como idoso a pessoa maior de 60 anos de idade, e reconhece os direitos de proteção, cidadania e participação dos idosos, dentre outros princípios. A PNI determina ainda a devida capacitação e expansão de recursos humanos para lidar com a população idosa (CAMARANO, 2016).

Infelizmente, ainda hoje, a lei 8842/94 não foi devidamente efetivada e, segundo Assis, Dias e Necha (2016), o Estatuto do Idoso tornou-se necessário justamente por esse motivo. Novamente, a partir de lutas e mobilizações sociais, e das críticas em relação ao não cumprimento da PNI, em 1º de outubro de 2003 foi promulgada a Lei 10.741 instituindo o Estatuto do Idoso, que integrou muitas das leis e políticas de proteção anteriormente aprovadas, assim como também trouxe novas conquistas aos direitos do idoso.

Em complemento à PNI, a Portaria GM/MS nº 280/1999 instituiu a Política Nacional de Saúde do Idoso – PNSI, que por sua vez prescrevia a implantação de serviços específicos para prestar atendimento ao idoso, mas em um modelo hospitalocêntrico de cuidado, não

condizente com o modelo comunitário de atenção básica que estava sendo implantado no país a partir da constituição do SUS. Buscando sanar este desencontro nos modelos de assistência, em 2006, foi publicada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa – PNSPI, que orienta o cuidado aos idosos mais frágeis, o estímulo ao envelhecimento ativo, apoio às famílias e capacitação profissional dentro das equipes da atenção primária e inclui, dentre suas diretrizes, a “formação e educação permanente dos profissionais de saúde do SUS na área da saúde da pessoa idosa” (BRASIL, 2006).

Apesar destes direcionamentos, vivemos o desafio de formar profissionais de saúde comprometidos com a realidade na qual vão atuar, no caso em tela, serviços de atenção primária e secundária em que há grande presença de pessoas idosas, em sua maior parte pertencentes à população de baixa e média renda, que demanda maior cuidado assistencial do sistema público de saúde (RODRIGUES, TODARO e BATISTA, 2020).

Desde a implantação do SUS e das equipes da Estratégia Saúde da Família - ESF, a assistência à saúde da população tem apresentado avanços, com melhoria dos indicadores de saúde como: diminuição da mortalidade infantil; aumento da expectativa de vida; diminuição de mortes por doenças infecciosas e por doenças crônicas não transmissíveis. Os dados de internações de idosos, no entanto, apontam que continuam ocorrendo grande número de internações por agravos sensíveis ao atendimento ambulatorial, que poderiam ter sido tratados e resolvidos pela ESF, portanto a atenção básica poderia estar sendo mais efetiva no cuidado ao idoso (GIACOMIN e MAIO, 2016).

O escopo de resolatividade da atenção básica, assim como a qualidade dos serviços prestados pelo SUS de forma geral, passa pela formação dos profissionais de saúde. Acreditamos que a educação tem a função social de acompanhar as transformações sócio-culturais, conceituais e tecnológicas do mundo, e nesse sentido, mais do que nunca, é importante que a educação gerontológica entre na pauta do debate educacional em todos os níveis do ensino brasileiro, principalmente nos cursos que formam profissionais de saúde.

Para finalizar, sem fechar, acreditamos como Freire (2012, p. 157) que “É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela a transformação social também não se dá”. Neste sentido, defendemos que educar sobre idosos, velhice e envelhecimento, em uma perspectiva humanizadora, é se posicionar em defesa da solidariedade entre as gerações que estão no mundo como presença, buscando ser mais, mais humanos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira. Da política nacional do idoso ao Estatuto do Idoso: a difícil construção de um sistema de garantias de direitos da pessoa idosa. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. Cap. 14. p. 359-379

ASSIS, Marcella Guimarães; DIAS, Rosângela Corrêa; NECHA, Ruth Myssior. A universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Cap. 14. P. 199-211.

AYRES, José Ricardo C. M. **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: Editora do Cepesc, 2009. 282 p.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. "Georges Canguilhem e a construção do campo da saúde coletiva brasileira". **Intelligere**, Revista de História Intelectual, São Paulo, v. 2, n. 1 [2], p. 139-155. 2016. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em 18/09/2019.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Emoções e envelhecimento: perspectivas emergentes. In: FALCÃO, Deusivania V. da S.; Araújo, Ludgleydson F. de; PEDROSO, Janari da Silva. **Velhices: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas: Alínea, 2016. Cap. 4. P. 71-86.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. -2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL. Portaria nº 2528, de 19 de outubro de 2006. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. 1. Ed. Brasília, DF: Brasil, 19 out. 2006.

BRUM, Paula S.; YASSUDA, Mônica Sanches. Treino cognitivo para idosos: avanços e novos desafios. In: FALCÃO, Deusivania V. da S.; Araújo, Ludgleydson F. de; PEDROSO, Janari da Silva. **Velhices: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas: Alínea, 2016. Cap. 5. P. 87-100.

CACHIONI, Meire; TODARO, Mônica de Ávila. Política Nacional do Idoso: Reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Cap. 4. P. 175-198.

CAMARANO, Ana Amélia. Introdução. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. P. 15-47.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o Patológico**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. 277 p. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas.

DIOGO, M. J. D. Formação de recursos humanos na área da saúde do idoso. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. V. 12, n. 2, p. 280-2, mar./abr. 2004.

DOLL, Johannes, RAMOS, Anne Carolina, Stumpf BUAES, Caroline, Apresentação. Educação e Envelhecimento. **Educação & Realidade** [online] 2015, 40 (Enero-Marzo): [Fecha de consulta: 24 de noviembre de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317232811002>> ISSN 0100-3143

FALCÃO, Deusivania V. da S.; ARAÚJO, Ludgleydson F. de; PEDROSO, Janari da Silva (Org.). **Velhices: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas: Alínea, 2016. 271 p.

FERREIRA, Anderson Jackle. Apresentação. In: FERREIRA, Anderson Jackle et al (Org.). **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. P. 12-14. Disponível em: <Modo de Acesso>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. 187 p.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta mangueira**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 38ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018a. 110 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 57ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018b. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018c. 253 p.

GIACOMIN, Karla Cristina; MAIO, Iadía Gama. A PNI na área da Saúde. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política Nacional do Idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Cap. 4. p. 135-174.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica; tradução Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes a Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p.17-34, jun. 2006. Trimestral.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, Leandro F.; FUENTEZ, Daniil; COSENZA, Ramon M. (Org.). **Neuropsicologia do Envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre: Artmed, 2013. Cap. 1. P. 17-42.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (Suíça). **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**: resumo. Genebra, 2015. 30 p. Disponível em: <sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.

PAULA, Maria Clara Pinheiro de; MARQUES, Sibila. Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo? In: FALCÃO, Deusivania V. da S.; Araújo, Ludgleydson F. de; PEDROSO, Janari da Silva. **Velhices**: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar. Campinas: Alínea, 2016. Cap. 1. P. 17-32.

PERISSÉ, Camile; MARLI, Monica. Caminhos para uma melhor idade. **Retratos**: A revista do IBGE, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.18-25, fev. 2019.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Suporte social a idosos e funcionalidade familiar. In: FALCÃO, Deusivania V. da S.; Araújo, Ludgleydson F. de; PEDROSO, Janari da Silva. **Velhices**: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar. Campinas: Alínea, 2016. Cap. 2. P. 33-48.

RODRIGUES, Carla Cristina, TODARO Mônica de Ávila, BATISTA, Cassia Beatriz. O ensino de saúde do idoso no curso de medicina da UFSJ. In: Ricardo, E. Carlos. **Pesquisa em Educação**: diversidade e desafios. São Paulo: Feusp, 2019. Cap. 6. P. 971-978. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/414>. Acesso em: 03 maio 2020.

XAVIER, Alex da Silva; KOIFMAN, Lilian. A educação superior no Brasil e a formação dos profissionais de saúde com ênfase no envelhecimento. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v. 15, n. 39, p.973-984, out. 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidente Vascular Encefálico 37, 38, 39
Africano 94, 98
Aleitamento Materno 42, 43, 44, 45, 46
Aprendizagem 62, 138
Aprendizagem Significativa 10, 61, 62, 64, 137, 139
Avaliação Formativa 62, 64, 137, 138, 139, 140
Avaliação Geriátrica 201, 202, 203, 204

B

Balão Intragástrico 22, 23, 25, 26, 27, 32
Biofilme Fúngico 23

C

Câncer de Cabeça e Pescoço 130, 131, 132, 133
Candidose Bucal 169
Crianças com Deficiência 118, 119, 121, 123, 125, 127, 129

E

Educação Interprofissional 42, 43, 44, 46
Educação Permanente 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 186, 197
Eletrocardiografia 90, 98, 101
Ensino em Saúde 61
Envelhecimento 84, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204
Estomas 142, 147
Estomatite Protética 169, 170, 177
Estresse Ocupacional 105, 116
Estudante de Medicina 47, 48, 49, 50, 52, 58

F

Fatores de Risco Modificáveis 90, 91
Flores Edíveis 149, 151, 153, 159
Fotobiomodulação 169, 171, 172
Frequência Cardíaca 89, 92, 93, 99, 100, 101

H

Humanização Hospitalar 179

I

Imagética Motora 37, 38, 39

M

Meditação 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 58, 59, 60

O

Obesidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 22, 23, 24, 25, 32, 35, 90, 99, 125, 148, 152

P

Paciente Internado 66, 113, 179, 181

Paciente Pediátrico 10, 11, 12, 16, 18, 19

Pé Diabético 142, 143, 144, 145, 147

Q

Qualidade de Vida 1, 5, 6, 47, 48, 49, 50, 57, 58, 59, 105, 107, 108, 111, 114, 115, 116, 117, 120, 131, 133, 135, 142, 147, 171, 173, 175, 181, 182, 185, 186, 201, 203

R

Reabilitação Neurológica 37, 38, 39, 40

S

Saúde Mental 24, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 58, 192, 204

T


Terapia Intensiva 66, 67, 68, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 87, 88, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117

Trismo Radioinduzido 130, 131, 132, 133, 134, 135

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

4

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br


 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

4

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br